

# LINHAS INICIAIS SOBRE A VIDA DA FILOSOFIA COMO A ARTE DE CRIAR CONCEITOS

*INITIAL LINES ON THE LIFE OF PHILOSOPHY AS THE ART  
OF CREATING CONCEPTS*

**Guilherme da Silva Cunha**

Universidade Federal do Acre, Brasil

**Maria Ivanilda Souza da Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.161>

**RESUMO:** O presente texto tem o propósito de apresentar e analisar, mesmo que de forma propedêutica, a ideia da vida da filosofia como a arte de criar conceitos a partir da obra: *O que é a filosofia?*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, destacando a ideia da filosofia não como contemplação, reflexão ou busca da verdade universal, mas da filosofia que cria conceitos a partir do caos, do devir, do querer resolver problemas reais dos seres humanos. Assim, buscar-se-á esclarecer os conceitos elementares, tais como: conceito e plano; diferença e repetição; rizoma; personagens conceituais e, plano de imanência onde os conceitos são criados para subverter o status quo e criar novas formas de vida e de pensamento, uma vez que tudo acontece na vida e não no além.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Filosofia; 2. Deleuze; 3. Guattari; 4. Conceitos; 5. Plano de imanência

**ABSTRACT:** The present text has the purpose of presenting and analyzing, even if in a propaedeutic way, the idea of the life of philosophy as the art of creating concepts from the work *What Is Philosophy?* by Gilles Deleuze and Félix Guattari, highlighting the idea of philosophy not as contemplation, reflection, or the search for universal truth, but of philosophy that creates concepts from chaos, from becoming, from the desire to resolve real problems of human beings. Thus, it seeks to clarify the elementary concepts, such as: *concept and plane; difference and repetition; rhizome; conceptual personae and, plane of immanence* where the concepts are created to subvert the status quo and create new forms of life and of thought, since everything happens in life and not in the beyond.



**KEYWORDS:** 1. Philosophy; 2. Deleuze; 3. Guattari; 4. Concepts; 5. Plane of immanence

A vida da filosofia como a arte de criar conceitos é uma invenção (criação) de Gilles Deleuze e Félix Guattari para tentar responder à pergunta: o que é a filosofia? Grosso modo, a filosofia para eles diz do móvel, da plasticidade, do devir, do caos e da criação dentro da própria filosofia. Trata-se duma *metafilosofia* que objetiva explicar o caos presente no mundo através da criação constante de conceitos que sejam subversivos no sentido de romper com a mera repetição dos discursos estatais e religiosos, e criar novos modos de vida que valorize as diferenças.

Assim, o texto *O que é a filosofia?* dos pensadores supra, apesar do título ser sugestivo para se acreditar que se trata de um manual de introdução à filosofia, onde o iniciante teria informações sobre a origem da filosofia, as fontes do conhecimento, os critérios da verdade, os tipos de conhecimentos, as concepções filosóficas e suas principais problematizações conforme as grandes áreas de conhecimento, isso não é verdade. É um texto de maturidade que não é didático, carregado de neologismos e parte do pressuposto de que o leitor seja alguém versado no mundo da ortodoxia filosófica, ou seja, parte da ideia de quem já conhece.

No fundo, é um texto de *metafilosofia* – onde os pensadores franceses falam sobre filosofia tão somente dentro do plano da imanência por meio da linguagem. A filosofia é apresentada como uma atividade do pensar-criar que Deleuze e Guattari fizeram a partir de uma leitura atenciosa dos autores clássicos da filosofia e da literatura. A filosofia é a arte de criar conceitos conforme as necessidades vitais dos seres humanos e em sintonia com o mundo material que é múltiplo e caótico.

A filosofia é uma construção conceitual a partir da ideia de devir. Isso rompe drasticamente com a visão essencialista de mundo dos filósofos tradicionais que acreditavam metafisicamente na ideia de um Ser primeiro, criador de tudo. Era a crença num ideal metafísico perfeito que se localizava em algum lugar fora do mundo físico e que era mais importante do que a fisiologia.

No entanto, contrária a essa concepção essencialista de mundo, Deleuze e Guattari apresentam a filosofia como a arte de construir ou de criar conceitos. Ademais, a filosofia deve ser entendida pedagogicamente como a tentativa de “sentir-pensar” o caos, o devir presente nas coisas da natureza e que tragicamente fazem parte do mundo dos humanos. Dessa

forma, entende-se a filosofia não como mera descrição histórica atrelada à ideia de contemplação, mas como elementos de vida que criam conceitos que, por sua vez, dialogam com outros conceitos para se gerar mais espaços vitais, novos modos de vida.

Nesse sentido, observa-se que a filosofia enquanto capacidade de criação de conceitos obedece ao nomadismo da existência, e este já carrega a ideia de movimento constante, assim como a própria vida também carrega infinitos movimentos. A vida dos humanos é um movimento horizontal que cria raízes e desbrava territórios, não é um corpo sem órgãos.

A vida rizomática tem necessidade de conexões. Entende-se que as interações ocorrem por meio dos conceitos criados pela filosofia – assim a filosofia num plano de imanência olha para a vida por intermédio do conceito. É o mundo da necessidade material conceitual que alavanca a transformação da sociedade. Aliás, a sociedade avança ou retrocede a partir da criação de conceitos, da sensibilidade afetiva e da percepção em relação a eles (os conceitos).

Diante desse quadro, observa-se que a sociedade se torna apática quando se espelha no *status quo*, quando todo mundo decide só repetir as coisas do mundo da linguagem ordinária ao estilo do papagaio e não tem mais o *espírito inquieto* da busca das raízes rizomáticas, da multiplicidade que gesta a diferença o mundo se torna fraco e sem criação. O desafio é pensar o devir em sua singularidade e reduzir ou “organizar” o caos pelo conceito. Ou seja, o mundo tem que ser explicado e sentido por meio dos conceitos filosóficos. Uma vez que segundo Machado (2009, p. 12) a filosofia “é um processo de criação”, criação de conceitos. Porém, não são conceitos vazios, contemplativos.

Na visão de Deleuze e Guattari (1992, p. 37), “a filosofia tira conceitos (que não se confundem com ideias gerais ou abstratas)”. Assim, percebe-se que a filosofia tem sua base nas necessidades da vida concreta das pessoas. A filosofia está imersa num *plano de imanência* à construção de conceitos. E conceitos são sempre invenções criativas dos humanos.

A filosofia é um construtivismo, e o construtivismo tem dois aspectos complementares, que diferem em natureza: criar conceitos e traçar um plano. Os conceitos são como as vagas múltiplas que se erguem e que se abaixam, mas o plano da imanência é a vaga única que os enrola e os desenrola (Deleuze; Guattari, 1992, p. 51).

A partir do texto supra citado percebe-se que os conceitos caminham em muitas direções, buscam conexões com outros conceitos para encontrar

a sua razão de ser. Ele (o conceito), a exemplo da donzela que sempre aparecia acompanhada para lhe assegurar a honra; nunca o conceito, por sua vez, vai aparecer sozinho, isolado, ele virá sempre acompanhado por outro conceito para lhe conferir uma formação de sentido. Ou seja, um conceito sempre demanda de outros conceitos para ganhar força (intensidade) e se tornar inteligível.

Os conceitos são frutos humanos da criação filosófica através da organização da linguagem que almeja explicar o funcionamento do mundo. Eles “são como as vagas múltiplas que se erguem e se abaixam”. Todavia, o comando das “vagas” está no “plano da imanência”, não está em nenhuma “entidade metafísica” fora deste mundo material. Todo o desenrolar conceitual em qualquer tipo de conhecimento é fruto da criação humana aqui na terra. Embora o plano envolva, segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 51), “movimentos infinitos que percorrem e retornam, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes”. Desse modo, fica estabelecido que o “finito” e o “infinito” na ordem conceitual é algo mensurado somente pelo homem através da linguagem e do conhecimento. Contudo, os conceitos não ganham *corpus* e se sustentam se não forem instaurados por um plano. Uma vez que

A filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração. O plano não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar os conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras (Deleuze; Guattari, 1992, p. 58).

A união do conceito ao plano é fundamental para estabelecer o propósito e o território da filosofia, e antes de qualquer coisa, dizer que a filosofia é da ordem da criação humana e que não objetiva *petrificar* um plano. Entendendo, por sua vez, que tanto o *conceito* quanto o *plano* são frutos do devir – do movimento que impulsiona a criação pelo querer e amar as coisas da terra. Quanto mais se quer as coisas da terra tais quais elas são, mais o espírito inquieto usa as suas “nadadeiras” e se põe a criar conceitos para favorecer conexões vitais na terra.

O solo da filosofia tem que ser adubado por conceitos para a vida não definharem. A criação é ato constante, movimentos que devem expressar a vida em sua singularidade e também na sua multiplicidade. A filosofia e,

por conseguinte, o filósofo é essa máquina humana que cria conceitos para explicar o funcionamento do mundo – essa é a sua grande *utilidade*. Não vive para contemplar o mundo como objeto exterior, mas para senti-lo pelos *afetos* na esfera corporal quando cria o conceito – gerador também de *perceptos*. Sabendo e sentindo o que fez da vida, se isto é possível. Trata-se da criação filosófica por meio da vida que se condensa em conceito, em energia e intensidade para se retro alimentar constantemente com os acasos da própria *vida* que se traduz em conceito.

Ainda a respeito do *conceito* e do *plano*, convém destacar que o conceito é uma construção filosófica que funciona como instrumento para “interagir” com o devir. O conceito tem a ver com a transformação constante e serve para criar novos modos de viver e pensar, sem reivindicar a patente de uma “essência ordinária” que garanta uma fixidez para as coisas. Ressalta-se também que os conceitos são criados para atender a necessidades reais dos seres humanos, responder problemas específicos. Não há conceitos sem problemas, uma vez que são os problemas que desafiam o homem a criar, a sair da mera repetição. Os conceitos são criados e passam por conexões geradoras de acontecimentos e de novas criações; os conceitos reúnem um todo fragmentado que demandam de multiplicidade e unidade; são produtores de afetos que unem afeição intelectual e mundo sensível; servem para explorar o fluxo da vida sem se auto destruir. Enfim, o conceito serve para produzir a diferença e criar novas perspectivas a partir da vida num plano de imanência.

Por sua vez, o plano é o “terreno” onde as coisas coexistem e interagem entre si – são as imagens intelectuais onde os conceitos são pensados e criados. O plano é o “lugar” onde *força* e *acontecimento* existem simultaneamente – sem nenhum controle de alguma coisa fora do mundo físico. É no plano da imanência que as coisas são nomeadas e acontecem. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (1992, p. 59-60) enfatizam:

A filosofia [...] procede supondo ou instaurando o plano de imanência: é ele, cujas curvaturas variáveis conservam os movimentos infinitos que retornam sobre si na troca incessante, mas também não cessam de liberar outras que se conservam. Então, resta aos conceitos traçar as ordenadas intensivas destes movimentos infinitos, como movimentos eles mesmos finitos que formam, em velocidade infinita, contornos variáveis inscritos sobre o plano. Operando um corte do caos, o plano da imanência faz apelo a uma criação de conceitos.

Os conceitos são as formas de expressões do plano, eles servem para estabelecer a mensuração dos movimentos infinitos do caos – do devir no

mundo dos humanos que é finito na sua singularidade corporal. O corpo humano, numa relação com os conceitos, cria as “curvaturas variáveis” para conservar aquilo que é infinito e liberar o finito que permanece e está “oprimido”. Observa-se que o conceito objetiva libertar - ou pelo menos “amenizar” o caos da existência do homem - e por intermédio do *corte* criar e intensificar outras formas de se viver. Assim sendo, perceber-se que os conceitos têm a função de penetrar no caos, ler os acontecimentos e traduzi-los como forma de referência no corpo para dar a “ilusão” ao homem de que é possível viver no plano da imanência. A imanência é o *território* do homem. Nessa direção, salienta-se:

Quem sabia plenamente que a imanência não pertencia senão a si mesma, e assim que ela era um plano percorrido pelos movimentos do infinito, preenchido pelas ordenadas intensivas, era Espinoza. Assim, ele é o príncipe dos filósofos. Talvez o único a não ter aceitado nenhum compromisso com a transcendência, a tê-la expulsado de todos os lugares. Ele fez o movimento do infinito, e deu ao pensamento velocidades infinitas no terceiro gênero do conhecimento, no último livro da *Ética*. Ele aí atinge velocidades inauditas, atalhos tão fulgurantes, que não se pode mais falar senão de música, de tornado, de ventos e de cordas. Ele encontrou a liberdade tão-somente na imanência (Deleuze; Guattari, 1992, p. 66).

É perceptível por intermédio do pensamento supra citado que o mundo da imanência não tem relação com o mundo da transcendência. A base da linguagem e do conhecimento está no plano da imanência, tendo como ponto de expressão os conceitos. Assim, os conceitos são os tradutores do mundo com e a partir do devir – do caos, ou seja, as determinações do plano vêm do caos. Por sua vez, também a criação tem por base o caos.

Conforme as ideias retro citadas, Espinoza é o grande mestre do plano da imanência: ele consegue produzir filosofia tendo como referência somente a imanência. Até mesmo a ideia do seu Deus é do plano da imanência e não da transcendência ou das metafísicas tradicionais, como algo fora ou acima do mundo da natureza.

Destaca-se que o Deus de Espinoza não é um Ser criador externo, mas Ele é causa interna da natureza, sendo assim, criador e criatura fazem parte de uma unidade idiossincrática. A filosofia de Espinoza bane a transcendência e defende que tudo que existe opera por forças naturais dentro de um único plano de realidade, entendendo que na realidade do *aqui* e do *agora*, ou seja, na *estrutura temporal do presente* tudo é pleno e não há falta. No dizer de Deleuze e Guattari (1992, p. 68):

Cada plano de imanência é Uno-*Todo*: não é parcial como um conjunto científico, nem fragmentário como os conceitos, mas distributivo, é um “cada um”. O plano de imanência é folhado. É, sem dúvida, difícil estimar, em cada caso comparado, se há um só e mesmo plano, ou vários diferentes; os pré-socráticos têm uma imagem comum do pensamento, malgrado as diferenças entre Heráclito e Parmênides? Pode-se falar de um plano de imanência ou de uma imagem do pensamento dita clássica, que se manteria de Platão a Descartes? O que varia não são somente os planos, mas a maneira de distribuí-los. Há somente pontos de vista mais ou menos longínquos ou aproximados, que permitem agrupar as folhas diferentes sobre um período bastante longo, ou, ao contrário, separar folhas sobre um plano que pareceria comum – e onde viriam estes pontos de vista, malgrado o horizonte absoluto? Podemos contentar-nos aqui com um historicismo, um relativismo generalizado? Com relação a tudo isto, a questão do uno ou do múltiplo torna-se novamente a mais importante ao introduzir-se no plano.

O plano da imanência capta movimentos infinitos do caos, estes movimentos podem ser condensados como Unos e Múltiplos simultaneamente. A força atua sobre cada um e cada um se reconhece como único e múltiplo naquilo que se é conforme a força de criação do momento. Um filósofo, em suas imagens de pensamento, pode vivenciar filosofias diversas. As circunstâncias temporais provocadas pelos acasos provocam o filósofo a posicionar-se através da criação de conceitos filosóficos. A seara do filósofo é a criação conceitual, dizer de outra maneira, propor estilo e agir com espírito inquieto que não se conforma com as meras repetições. Nesse sentido, os pensadores franceses asseveram:

[...] não são filósofos aqueles funcionários que não renovam a imagem do pensamento, e não têm sequer consciência do problema, na beatitude de um pensamento inteiramente pronto, que ignoram até o labor daqueles que pretendem tomar por modelos. Mas, então, como se entender em filosofia, se há todas estas folhas que ora se juntam e ora se separam? Não estamos condenados a tentar traçar nosso próprio plano, sem saber quais ele vai superpor? Não é reconstruir uma espécie de caos? E esta é a razão pela qual cada plano não é somente folhado, mas esburacado, deixando passar essas névoas que o envolvem e nas quais o filósofo que o traçou arrisca-se frequentemente a ser o primeiro a se perder (Deleuze; Guattari, 1992, p. 69).

A ideia é não se buscar a “beatitude de um pensamento puro” e tampouco um modelo acabado para se ter a ilusão de uma suposta segurança e proteção. O ponto de apoio deve ser o do risco, da criação sem a preocupação de qual plano o nosso plano iria superar. O principal é a criação que ocupa o lugar do nada – do niilismo que enfraquece a

intensidade da vida –, ligada ao querer. O mais interessante é querer criar alguma coisa no campo conceitual a nada querer criar. Posto que a renovação da imagem de pensamento é o que deve perseguir o filósofo e tal renovação acontece por meio da criação conceitual. As provocações do caos quase sempre partem do *uno* e do *múltiplo*, ou da não aceitação do *status quo* em forma de repetição.

O *uno* serve para dizer que cada indivíduo é único na sua singularidade e que, de modo algum, poderia ser igual a outro na esfera física. Nesse sentido, o *uno* diz da *diferença* e também do *múltiplo* dentro da sua singularidade corporal por meio dos seus órgãos, sendo os seus órgãos forças geradoras de infinitos movimentos vitais necessários para a própria manutenção da vida.

O *múltiplo* tem a ver com a “geografia” da *diferença*, com a *pluralidade* do mundo, com uma *ontologia trágica da imanência*, com força criadora capaz de extrair do caos conceitos que alavancam a vida para atingir outros patamares de beleza e intensidade por intermédio dos afetos, distantes do plano da transcendência e de uma identidade. Desse modo, diante desse quadro que apresenta o *uno* e o *múltiplo* como potência do caos, destaca-se:

Nenhuma imagem de pensamento pode contentar-se em selecionar determinações calmas, e todas encontram algo de abominável de direito, seja o erro no qual o pensamento não cessa de cair, seja a ilusão na qual não cessa de girar, seja a burrice na qual não cessa de se afundar, seja no delírio no qual não cessa de se desviar de si mesmo ou de um deus (Deleuze; Guattari, 1992, p. 73).

Não se quer a calma do *lago* da sua pátria ou de um pensamento metafísico essencialista que acredita que tudo já está pronto, a vida já foi ancorada num porto-seguro. Quer-se força para superar essas imagens de pensamento que acreditam que tudo já foi consumado, o ideal tomou conta do real e a realidade assumiu a máscara do totalitarismo do pensamento único que esvazia cada vez a “alma” das pessoas.

Nesse sentido, a alma do homem moderno é uma das mais fracas. Ele quer tudo e ao mesmo tempo não quer nada. O seu corpo foi envolvido com o *manto sepulcral do niilismo* que não deixa espaço para se respirar outros ares fora das metafísicas religiosas e das metafísicas de caráter humanistas. Uma vez que não há pensamento que não tenha brechas ou falhas para se penetrar outras formas de pensamento.

A ideia de um pensamento perfeito é ilusória, visto que os acasos, o caos provoca novos movimentos para se romper com a “ordem estabelecida”. Ressalta-se que o pensamento é um ato violento que estabelece rupturas a partir do plano e das necessidades materiais. Trata-se sempre do “pensar-fazer” e do “fazer-pensar” para se criar conceitos geradores de outras dinâmicas vitais. A ideia é criar o diferente com o que se tem no instante. Nessa direção, os dois pensadores franceses retro mencionados destacam:

A história da filosofia é comparável à arte do retrato. Não se trata de “fazer parecido”, isto é, de repetir o que o filósofo disse, mas de produzir a semelhança, desnudando ao mesmo tempo o plano da imanência que ele instaurou e os novos conceitos que criou. São retratos mentais noéticos, maquínicos. E, embora sejam feitos ordinariamente com meios filosóficos, pode-se também produzi-los esteticamente (Deleuze; Guattari, 1992, p. 74).

A ideia é a criação não para dizer do mesmo, mas do semelhante, uma vez que o semelhante não é o igual. É outra forma de dizer da construção do mundo no *tempo* e no *espaço* de forma criativa. Assim, em relação à criação do filósofo este tem que fazer duas coisas, *desnudar o conceito anterior* conforme o plano de imanência no momento presente; e *apresentar os novos conceitos* criados por ele. Em sintonia com isso, mesmo sabendo que os conceitos são criados por meio de “retratos mentais” dentro duma dinâmica filosófica, é possível também se produzir conceitos dentro do território da estética.

Por conseguinte, a estética teria que se transformar em “estética da existência”, onde a beleza ganha expressão corporal e sai do plano meramente mental. A base dessa estética está na sensibilidade, nas boas afecções, aquelas que intensificam a potência de vida, para afirmar a própria vida como obra de arte dentro do plano da imanência. A “estética existencial”, por meio da sua criação conceitual, faz aparecer formas de expressão da beleza presente na vida. Tal estética cria personagens para dizer do mundo através dos conceitos. Nessa direção, os filósofos franceses retro mencionados enfatizam:

Invocaremos Nietzsche, porque poucos filósofos operaram tanto com personagens conceituais, simpáticos (Dionísio, Zaratustra) ou antipáticos (Cristo, o Sacerdote, os Homens superiores, o próprio Sócrates tornado antipático...). Poderíamos acreditar que Nietzsche renuncia aos conceitos. Todavia ele cria imensos conceitos e intensos conceitos (“forças”, “valor”, “devir”, “vida”, e conceitos repulsivos como “ressentimento”, “má-consciência”...), bem como traça um novo plano de imanência (movimentos infinitos da vontade de potência e do eterno

retorno) que subvertem a imagem do pensamento (crítica da vontade de verdade). Mas jamais nele os personagens conceituais implicados permanecem subentendidos. É verdade que sua manifestação por si mesma suscita uma ambiguidade, que faz que muitos leitores considerem Nietzsche como um poeta, um taumaturgo ou um criador de mitos. Mas os personagens conceituais, em Nietzsche e alhures, não são personificações míticas, nem mesmo pessoas históricas, nem sequer heróis literários ou romanescos. Não é o Dioniso dos mitos que está em Nietzsche, como não é o Sócrates da História que está em Platão. Devir não é ser, e Dioniso se torna filósofo, ao mesmo tempo que Nietzsche se torna Dioniso. Aí, ainda, é Platão quem começou: ele se torna Sócrates, ao mesmo tempo que faz Sócrates tornar-se filósofo (Deleuze; Guattari, 1992, p. 87).

O pensamento citado acima parte da ideia de “personagens conceituais” referenciados por Deleuze e Guattari sobre Nietzsche. Por um lado, temos os “Personagens simpáticos” Dioniso e Zaratustra, que são simpáticos à afirmação incondicional da vida como valor maior, que não se basearam no mundo da moralidade convencional e que tiveram a capacidade de “desterritorializar” – quebrar as regras estabelecidas – criar novas formas de vida. Por outro lado, existem os “personagens antipáticos”: Cristo, Sacerdote, Sócrates, Homens superiores que são os difamadores e caluniadores da vida por depositarem crença no além-mundo, num mundo ideal metafísico e também por crerem no mundo verdade.

Na continuidade, percebe-se como o homem se torna filósofo por meio dos *personagens conceituais* e também das figuras estéticas. Mas qual seria a diferença entre ambas? Deleuze e Guattari (1992, p. 87-88) respondem que “os personagens conceituais [...] são potências de conceitos”, e as figuras estéticas “potências de afectos”. No caso de Nietzsche, ele reúne essas duas potências quando cria os conceitos de *vida, força, devir, valor, vontade de potência, amor fati e eterno retorno* no plano da imanência para criticar os valores que depreciam a vida e seus movimentos em detrimento de um ideal no além-mundo.

Por fim, os personagens conceituais em Nietzsche não são *caricaturas históricas, personificações míticas ou heróis literários*, mas modos de vida, potências de vida do próprio autor em formas de *perceptos, afectos e conceitos* para transformar a vida em obra de arte por intermédio do trágico real da filosofia, do trágico da literatura e do trágico das artes. E, assim, capturar do caos da existência modos para se viver. Nesse sentido, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992, p. 88) enfatizam:

A arte e a filosofia recortam o caos, e o enfrentam, mas não é o mesmo plano de corte, não é a mesma maneira de povoá-lo; aqui constelação de universo ou afectos e perceptos, lá complexões de imanência ou conceitos. A arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos.

Filosofia e arte são potências geradoras de modos de vida a partir do caos. São formas distintas, mas equivalentes de criar “imagens de pensamento” para lidar com o caos. A filosofia, para militar no campo da existência, cria e age por *conceitos*; a criação constante de conceitos é o que alimenta e retroalimenta a filosofia no plano de imanência. Enquanto a arte atua por intermédio das sensações codificadas nas ideias de *perceptos* e *afectos*, tendo como ponto culminante a sensibilidade artística de transformar a própria vida em obra de arte. Sendo a arte uma forma de resistência contra a morte e enaltecimento da criação de novos modos de vida diante do lado trágico da existência que insere o homem na crueldade do real; no caráter inalterável do próprio real; na finitude humana; e na falta de controle do tempo.

Observa-se que a forma de Deleuze e Guattari de produzir filosofia não é linear, representativa, identitária, essencialista, metafísica que tem um objeto de fora que lhe sustenta. Eles produzem filosofia a partir do devir – do caos, onde vão, por meio dos conceitos mensurando o caos e dando formas de pensamento para auxiliar o homem, por conseguinte, nas formas de expressões da vida, onde a filosofia seja valorizada como a arte de criar conceitos no plano da imanência; do pensar intenso que impulsiona o homem a querer resolver os seus problemas materiais dentro da existência; do reconhecimento das diferenças (do múltiplo) como forma de enaltecer os vários modos de vida na terra.

## Referências

Deleuze Gilles, Guattari Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Machado Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia.** – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.